

Topônimos relacionados aos lugares Iarodattinai na cosmologia Medzeniakonai

Toponyms related to the Iarodattinai places in Medzeniakonai cosmology

Artur Garcia Gonçalves¹  | Ana Vilacy Galúcio¹ 

¹Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Pará, Brasil

Resumo: O espaço do território dos Medzeniakonai contém certos lugares com nomes próprios, que são diferentes de outros, que não possuem um nome próprio, mas apenas uma nomeação genérica. Neste artigo, será apresentado e descrito um conjunto de 26 topônimos relacionados aos lugares Iarodattinai, considerados lugares sagrados na cosmologia Medzeniakonai (Baniwa-Koripako). Estes lugares estão situados ao longo do rio Içana e seus afluentes. A metodologia da pesquisa consistiu no levantamento das palavras relacionadas à toponímia desses locais e da história por trás desses nomes, tendo como pressupostos teóricos os estudos no campo da toponímia e da etnografia, especialmente com relação aos povos do alto rio Negro, no Brasil. Como resultado, apresentamos uma descrição desses topônimos, através da cosmologia do povo Medzeniakonai, ressaltando a importância de conhecer e respeitar a história e as características de cada lugar, uma vez que esses espaços estão associados com os *yoopinai*, espíritos que deram origem aos seus nomes, e podem estar relacionados a doenças provocadas por esses seres não humanos, se as normas de uso e comportamento apropriadas para cada lugar não forem seguidas.

Palavras-chave: Topônimos. Medzeniakonai. Baniwa. Koripako. Lugares sagrados Iarodattinai.

Abstract: The space of the Medzeniakonai territory contains certain places with proper names, which are different from others, which do not have a proper name, but only a generic name. This work describes a set of 26 toponyms related to the Iarodattinai places, which are seen as sacred places in the Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) cosmology. These places are located along the Içana River and its tributaries. The research methodology consisted of a survey of words related to the toponymy of these places and the history behind their names, based on theoretical assumptions from studies in the field of toponymy and ethnography, especially in relation to the indigenous peoples of the upper rio Negro region in Brazil. As a result, we present a description of these toponyms, through the cosmology of the Medzeniakonai people, highlighting the importance of knowing and respecting the history and characteristics of each place. These locations are associated with the *yoopinai*, spirits that are linked to the origins of their names, and may be associated to illnesses caused by these non-human beings, if the rules of proper behavior are not followed.

Keywords: Toponyms. Medzeniakonai. Baniwa. Koripako. Iarodattinai sacred places.

Galúcio, A. V., & Gonçalves, A. G. (2025). Topônimos relacionados aos lugares Iarodattinai na cosmologia Medzeniakonai. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(2), e20230124. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2023-0124.

Autora para correspondência: Ana Vilacy Galúcio. Museu Paraense Emílio Goeldi. Av. Magalhães Barata, 376. Belém, PA, Brasil. CEP 66040-170 (avilacy@museu-goeldi.br).

Recebido em 11/04/2024

Aprovado em 27/02/2025

Responsabilidade editorial: Flávia de Castro Alves



INTRODUÇÃO

Ao longo do curso do rio Içana e seus principais afluentes, localizados no estado do Amazonas (Brasil), situa-se o território dos Medzeniakonai (termo próprio que representa um conjunto étnico que a literatura refere como Baniwa-Koripako). Nesta região da bacia do rio Içana, existem vários lugares importantes para o povo e que são referenciados na cosmologia Medzeniakonai de maneira muito específica, como Iarodattinai, que são lugares que são espíritos invisíveis, mas que fazem parte da humanidade. Geralmente, de acordo com a cosmologia Medzeniakonai, os topônimos referentes a esses lugares são identificados como peixes, aves, insetos e outros animais. Esses lugares específicos são associados com os seres espirituais chamados de *yoopinai* (*yoopi* 'tipo de doença que coça no corpo' + *nai* 'casa'), como na definição apresentada por Aurora (2018, p. 34):

Os *yoopinai* são seres que atacam mulheres, crianças e homens, seja no rio durante o banho, no caminho para roça ou durante o sonho. São espíritos do ar, da água e da chuva com os que não se deve brincar. Para as mulheres aparecem no sonho como um homem bonito, e se no sonho acontecer o ato sexual essa mulher está praticamente com uma doença no corpo que pode produzir sua morte. Ela necessitará do cuidado de pajés fortes, não de um simples benzedor, daqueles que curam jogando água ou que cheiram paricá. Existem várias categorias de conhecedores indígenas e o mais forte e poderoso é chamado de *maliri* (pajé) no nosso povo. Quando as pessoas sonham essas coisas, há punições para elas, se tornam impuros pois não respeitaram a natureza como deveriam. Por exemplo, se os *yoopinai* atacam uma criança, ela chora até o ponto de que outros seres a ouvem, e é preciso diminuir os riscos com as rezas. Antigamente, as crianças morriam de tanto chorar nos casos em que não tinham acesso aos conhecedores que sabiam acalmar o choro.

Garcia et al. (2019, p. 87) também explicam que, para seu povo Baniwa, “os *yoopinai* são seres espirituais, imateriais e invisíveis que também não podem ver as pessoas – com exceção de determinadas situações que tornam os humanos visíveis e que aumentam a chance de ataques contra eles” ou ainda como “gente que não é como nós, humanos” (Garcia et al., 2019, p. 94).

Segundo a cosmologia Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), os donos míticos dos locais sagrados são os dois seres identificados com a sucuriçu e o curupira, os quais são dois grandes *yoopinai*. A sucuriçu e o curupira têm seus locais sagrados no território dos Medzeniakonai e são eles que dão os nomes a esses lugares, os quais guardam uma relação muito forte com certos tipos de doenças causadas em cada lugar que é chamado pelo povo local de *yoopinai*.

Neste artigo, são apresentadas explicações e definições referentes a alguns topônimos de lugares Iarodattinai, que têm origem com os *yoopinai* e com as doenças que são “provocadas por esses seres não humanos, com os quais convivemos neste mundo”, como descrito por Aurora (2018). A pesquisa que subsidiou este trabalho contou com o apoio do sabedor Vicente João Filho Baniwa, de 85 anos, do clã *waliperidakenai* (representado pela anta ou estrela) da comunidade Tūcumã Rupitá, rio Içana, mas que atualmente reside em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Durante entrevistas, Sr. Vicente Baniwa contou sobre as histórias de origem dos nomes de lugares que foram levantados na pesquisa e apresentados neste artigo.

Este trabalho é uma extensão do projeto do dicionário multimídia Baniwa-Koripako (Gonçalves et al., 2020; Gonçalves, 2025), que foi inicialmente concebido no âmbito do Programa de Documentação das Línguas Indígenas (PRODOCLIN), vinculado ao Museu Nacional dos Povos Indígenas (MI) do Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e que foi realizado por meio de oficinas com professores, alunos e lideranças no território dos Medzeniakonai.

Os resultados apresentados neste artigo derivam especificamente da pesquisa relacionada à língua e cultura dos povos Baniwa-Koripako desenvolvida durante a vigência de uma bolsa de pós-doutorado, no Programa de Capacitação Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi (PCI/MPEG) e que produziu também um aplicativo multimídia intitulado “IARODATTINAI Kaakonaperi



Medzeniakonai / Lugares sagrados do povo Medzeniakonai (Walipere et al., 2023). Tendo em vista que ainda não há pesquisa sobre a toponímia dos lugares Iarodattinai de acordo com a cosmologia Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), destaca-se a importância das condições institucionais que nos permitiram desenvolver a presente pesquisa. O restante deste artigo está organizado em seis seções, da seguinte forma. Na seção “O povo, a língua e o território Medzeniakonai”, é apresentada brevemente a língua foco deste estudo, com sua classificação e a composição das variedades Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), no contexto dos povos do noroeste amazônico. A seção “Metodologia” apresenta como foi desenvolvida a pesquisa que incluiu levantamento das palavras topônimos na língua dos Medzeniakonai, através da gravação de história relacionada a cada palavra levantada.

A seção “Toponímia: conceito e motivação” apresenta os pressupostos teóricos no campo da toponímia, com os estudos de Dick (1992), Isquerdo (2019) e Schneider (2019). A seção “Os lugares Iarodattinai na cosmologia Medzeniakonai” traz um resumo do conhecimento dos Medzeniakonai, com um levantamento preliminar de palavras topônimos em Medzeniakonai, citando a relação dos seres com esses locais considerados sagrados em alguns lugares existentes na região do Içana.

A seção “Lugares com nomes e nomes de lugares” é o foco deste trabalho e fala sobre a importância das narrativas da origem da humanidade, bem como outras histórias que compõem a cosmologia Medzeniakonai, em referência aos 26 topônimos importantes do território, apresentados neste artigo. As “Considerações finais” destacam a importância de valorizar o conhecimento tradicional através de pesquisas com os sabedores, inclusive no ambiente escolar.

O POVO, A LÍNGUA E O TERRITÓRIO MEDZENIAKONAI

Iniciamos esta seção com uma referência à cosmologia Medzeniakonai, embasada nos relatos dos anciãos e

nos conhecimentos próprios do primeiro autor como membro integrante desse povo, cuja cultura milenar diz que os Medzeniakonai são a herança deixada por Heeko (demiurgo) lá na terra-pedra, o centro de formação e origem da humanidade, localizada em ‘Hiipana’ (*eeno hiepole* – ‘umbigo do mundo’) em Cachoeira Apuí, no rio Aiari. Foi neste lugar que surgiu a humanidade, em especial o povo Baniwa, seus clãs e seus territórios. Dos nossos deuses herdamos uma grande extensão de terras, delimitadas por um conjunto de marcas (petróglifos) que definem o território de cada clã do nosso povo desde os tempos imemoriais. Essas demarcações históricas e ancestrais é que permitem o controle, a governança e a gestão ambiental em nosso território (Estorniolo, 2012).

Nos últimos 25 anos, com as associações indígenas, os Baniwa têm tentado unificar suas formas de autodeterminação, algo sobre o que não existe uma informação consolidada em outras pesquisas de não indígenas.

Wright (2005) descreve que o povo Baniwa vive na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em comunidades localizadas nas margens do rio Içana e seus afluentes, Cuyari, Aiari e Cubate, além de estarem no alto rio Negro e nos centros urbanos ao longo do rio Negro, nos municípios de São Gabriel da Cachoeira e Barcelos, e na capital do Amazonas, em Manaus. Ao longo da bacia hidrográfica do Içana, segundo maior afluente do rio Negro, existem 96 comunidades (aldeias) indígenas distribuídas em quatro regiões, conforme organização social local: baixo Içana, médio Içana e alto rio Içana. Os Baniwa entraram em contato com os não indígenas colonizadores no início do século XVIII. Foram violentados, perseguidos e escravizados por espanhóis e portugueses. Boa parte dos indígenas morreu por epidemias, como de sarampo e varíola, trazidas por não indígenas e conhecidas por dizimar muitos indígenas no Brasil. Durante o processo de contato, os Baniwa foram explorados por não indígenas, na ilusão de melhoria de vida através da troca de mercadorias pelo seu serviço braçal. Muitos homens jovens perderam



contato com suas famílias ou morreram trabalhando para os patrões, que eram militares portugueses. No século XIX, na região, havia presença portuguesa em São Gabriel da Cachoeira e Marabitanas.

A língua Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) pertence à família linguística Aruak (ou Arawak), é referida na literatura como Baniwa, Baniwa do Içana, Koripako ou Baniwa-Koripako (Gonçalves, 2023). Os dialetos Baniwa são muito parecidos com os dialetos Koripako. Como já descrito em outros trabalhos (cf. Gonçalves, 2018, 2023),

Esse conjunto de termos remonta a uma divisão criada pelo uso do termo Baniwa (Maniva, Maniba etc.) para se referir aos grupos falantes de línguas Aruak no baixo Içana, enquanto Koripako se tornou um termo, no Brasil, referente aos falantes dessa língua numa região que compreende genericamente o Alto Içana e o rio Guainía. Na Colômbia e na Venezuela, convencionou-se chamar a língua de Koripako (Curripaco), então o termo Baniwa (ou Baniwa) passou a ser usado para o Baniwa-de-Marua, outra língua Aruak, distinta do Baniwa-Koripako, mas também falada no rio Guainía, e bastante próxima à língua Yavitero (Chacon et al., 2019, pp. 45-46).

A concepção vigente atualmente é a de que, embora haja variedades dialetais e diferenças internas importantes, o termo Baniwa-Koripako refere-se a uma mesma língua, falada por um mesmo povo, cuja autodenominação Medzeniakonai é um termo que remete ao povo e à língua. Conforme descrito em Chacon et al. (2019, p. 46), “os Baniwa-Koripako [Medzeniakonai] chamam-se de ‘*doowheminaï*’ (‘parentes’), termo reservado unicamente para o tratamento direto entre eles e que não se estende a outros povos vizinhos”. Ou seja, como explicado em Chacon et al. (2019) e Gonçalves (2023), os Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) fazem parte de um grande sistema multicultural e multilinguístico com outros povos no noroeste amazônico, com os quais “. . . compartilham história, memória, mitologia, território, alianças rituais e alianças de casamentos” (ISA-FOIRN,

2000 citado em Chacon et al., 2019, p. 46), mas ao mesmo tempo constituem entre si um sistema próprio.

Segundo informações apresentadas em Gonçalves (2023), os Medzeniakonai (os Baniwa e os Koripako) localizam-se em três países: Brasil, Colômbia e Venezuela. No Brasil, a maior parte da população Medzeniakonai vive na região do rio Içana (Iniali), afluente do alto rio Negro¹.

METODOLOGIA

A primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento de palavras relacionadas à toponímia de lugares ao longo do curso do rio Içana e seus afluentes. Nessa etapa, a metodologia consistiu em associar as informações sobre os nomes de lugares sagrados que atualmente são conhecidos pela sociedade com as informações sobre esses nomes e que foram dados pelo Ñapirikoli (deus), segundo a língua Medzeniakonai e conhecimentos dos sabedores indígenas Medzeniakonai de um determinado lugar.

Este estudo buscou, portanto, pesquisar o nome de lugares indígenas do rio Içana, especificamente nomes de lugares sagrados na língua Medzeniakonai do rio Içana no município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. O objetivo consistiu em descrever os topônimos de lugares através de histórias culturais indígenas da etnia Medzeniakonai. A toponímia traz uma reflexão importantíssima sobre a cultura indígena na atualidade, pois esses nomes trazem consigo todo o processo histórico e cultural de um povo, o qual, de acordo com a língua falada, deu nomes a lugares que atualmente são reconhecidos pela sociedade indígena e não indígena. A pesquisa centrou-se, assim, no estudo dos nomes dados a lugares sagrados do rio Içana, no território dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako).

O levantamento foi realizado por meio de entrevista, conduzida pelo primeiro autor, com o sabedor Vicente João Filho Baniwa, de 85 anos, do clã *waliperidakenai*

¹ Para mais detalhes sobre sua população e distribuição geográfica, ver FOIRN (2019) e Gonçalves (2018, 2023) e referências lá citadas.



(representado pela anta ou estrela), da comunidade Tucumã Rupitá, rio Içana. As entrevistas foram realizadas em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, onde atualmente ele reside. Durante as entrevistas, Sr. Vicente Baniwa contou sobre as histórias de origem dos nomes de lugares distribuídos no território dos Medzeniakonai e que serão descritos neste artigo.

O espaço do território dos Medzeniakonai contém certos lugares com nomes próprios. Estes lugares são diferentes de outros, que não possuem um nome próprio, mas apenas uma nomeação genérica. Os locais nomeados são importantes por muitos motivos, associados à história que eles carregam. São locais onde normalmente ocorreram eventos míticos em um passado distante, e que ainda hoje guardam o poder desses acontecimentos. Nesse sentido, são elementos fundamentais para a vida do presente.

Antes de seguir com a discussão específica sobre toponímia, é importante introduzir aqui alguns termos utilizados pelos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) para se referir ao seu território e espaços específicos ali contidos. Nas palavras de Gonçalves (2023, p. 37), reportando-se ao modo de referir ao território pelos Medzeniakonai:

Quando falamos *wahipaite*, estamos referindo-nos à nossa terra como um todo. Nossa terra de pertencimento mais abrangente. Nossa terra indígena do Alto Rio Negro, que também usamos em coletivo com [os outros] 23 povos [da região]. *Wadzakale* é São Gabriel da Cachoeira, [a sede urbana mais próxima]. *Weemakaawa liko* [é] o estado do Amazonas. *Wahipaite*, o Brasil.

Essa forma de nomear os locais deixa claro que os Medzeniakonai, assim como os outros povos originários do país, são povos nativos desta região que foi chamada posteriormente Brasil (cf. Gonçalves, 2023, pp. 35-38).

TOPONÍMIA: CONCEITO E MOTIVAÇÃO

Como definido em Isquerdo (2019, p. 11), “a Toponímia, estudo dos nomes próprios de lugares, e a Antroponímia,

estudo dos nomes próprios de pessoas, tradicionalmente vinculam-se a uma área de investigação mais ampla, a Onomástica, que se ocupa do estudo linguístico dos nomes próprios em geral”.

A toponímia de uma região traz informações sobre a permanência de grupos humanos nesse espaço, pois, como descreve Isquerdo (2019, p. 9), ao atribuir nomes aos lugares específicos (rios, pedras, igarapés, poços, cachoeiras e montanhas etc.), o denominador “transfere para o nome do lugar, o topônimo, as suas impressões pessoais, seus valores, suas crenças, suas expectativas, enfim, a cosmovisão que lhe é própria”. Assim, como definem Menezes e Santos (2008, p. 75), os nomes geográficos marcam “a passagem de gerações, raças, povos e grupos linguísticos, na sucessão da ocupação de um território”. Porém, de acordo com Isquerdo (2019), não se pode desconsiderar que o topônimo é essencialmente um signo linguístico, que integra o léxico da língua com todas suas peculiaridades. Assim, considerando as possibilidades de composição do léxico:

um signo linguístico do vocabulário comum pode passar à categoria de nome próprio; nomes de pessoas ou de entidades religiosas podem também figurar entre topônimos que nomeiam acidentes físicos ou humanos e, conseqüentemente, pode assumir na língua a função de nome próprio de lugar (Isquerdo, 2019, pp. 9-10).

Para o estudo aqui apresentado, uma noção importante a considerar é a relação entre os topônimos (nomes próprios de lugares geográficos) e os nomes comuns, pois, como explicitado por Isquerdo (2019, p. 10), “na origem da grande maioria dos nomes de lugares há um item lexical do vocabulário comum que perpetua as características do léxico da(s) língua(s) falada(s) no espaço geográfico na época em que o denominador selecionou o topônimo”. Essa relação subjaz o fato de a toponímia de uma região guardar resquícios do vocabulário das línguas dos povos que habitaram a região na origem do seu povoamento.

Como veremos neste artigo, a toponímia é um campo de investigação de natureza interdisciplinar, pois associa a visão do denominador com o conjunto de características da língua utilizada e do arcabouço de conhecimentos, crenças e valores da população do lugar. Como nos lembra Isquierdo (2019, p. 11):

Atribuir nome aos lugares é uma prática antiga, pois o homem, para se situar no espaço, precisa nomeá-lo. Assim, pode-se entender o ato da nomeação de um lugar como uma forma de apropriação do espaço, uma vez que, ao conferir um nome a um acidente físico (rio, córrego, monte) ou a um aglomerado humano (povoado, cidade, rua, bairro), o denominador imprime uma marca identificadora sobre o referente nomeado.

Ainda em linha com o que afirma Isquierdo (2019, p. 12), a toponímia, sendo parte do léxico, “pode revelar o ambiente físico e social no qual os falantes de uma língua natural estão inseridos [ênfase adicionada]”. No caso dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), os topônimos aqui descritos fazem referência às características ambientais, mas também e, sobretudo, à cosmologia. Os nomes dos lugares e/ou os próprios lugares são relacionados aos Yoopinai, os quais são, conforme Garcia et al. (2019, p. 87),

seres espirituais, imateriais e invisíveis que também não podem ver as pessoas – com exceção de determinadas situações que tornam os humanos visíveis e que aumentam a chance de ataque contra eles. Geralmente, esses ataques estão associados à forma como [nós, os humanos,] nos comportamos em suas casas [nas casas dos seres espirituais], que são os locais sagrados existentes no nosso território.

A cosmologia e a visão de mundo dos Medzeniakonai são também refletidas na definição dos nomes dados a elementos da natureza. Como aponta Schneider (2019), o estudo da toponímia de um espaço geográfico pode trazer informações que ultrapassam o aspecto estritamente linguístico, uma vez que a motivação para a criação de topônimos também considera diversos fatores da vida de uma determinada comunidade. Disso resulta também a importância dos topônimos, pois, através

da compreensão dos mesmos, pode-se reconstituir “aspectos da vida de um povo, da sua cultura, dos seus movimentos migratórios, das suas marcas linguísticas, dos aspectos da vida social e espiritual da população” (Schneider, 2019, p. 23).

Para os Medzeniakonai, a sua história vem desde o surgimento na cachoeira de Apui, que fica no alto rio Aiari, afluente do rio Içana, a qual é chamada de *Eeno heepole* (‘umbigo do mundo’). Conforme reportado pelo primeiro autor, os sabedores contam que, desde o surgimento de cada clã, “nós, os Medzeniakonai, nos relacionamos com os seres não visíveis, de modo que esses seres são espíritos vivos na nossa cosmologia, assim como acreditamos que cada povo tem sua própria visão de como podem respeitar esses lugares que possuem grande importância no contexto da humanidade”. Cada povo conta esta história – e, de certo modo, são histórias muito parecidas –, embora, para determinados povos, seu entendimento e sua cosmologia sejam um pouco diferentes dos outros.

Segundo o sabedor Vicente João Filho (comunicação pessoal, 15 de julho de 2023), do povo Medzeniakonai, entrevistado para este trabalho, esses seres que chamamos de espíritos vivos – que são lugares sagrados, representados como cobra, cachoeiras, lagos, pedras, estirões, animais montanhas etc. – são seres perigosos, sendo lugares bem respeitados desde o surgimento até hoje. Segundo esse sabedor, são espíritos que estão presentes também no ar; eles são gente igual a nós. Segundo a mitologia do povo Medzeniakonai, nós, humanos de hoje, conquistamos direitos como seres humanos, enquanto outros, não, por isso esses outros seres ficaram como mato, animais etc. Mas, todos, um dia, já estiveram no mesmo plano de vida. Devido a isso, a renovação parece dividir-se em mundos completamente diferentes entre si, apesar de sermos do mesmo planeta e nos encontrarmos no dia a dia. Daí a diferença da conexão dos povos indígenas com meio ambiente, pois, para nós, é importante o respeito, como descrito por Aurora (2018, p. 32):



Esse entendimento é muito difícil aos não indígenas, por isso vão fazendo desmatamento da floresta como se ali não tivesse nada, como se ali não tivesse importância. Isso porque aos olhos de quem não conhece é dessa forma. Mas para povos indígenas esses lugares têm importância muito grande, têm suas histórias, ali têm vidas. Os lugares sagrados são como um código dos direitos humanos, pois são lugares protegidos para o manejo e reprodução de seres, o qual, por sua vez, garante a segurança alimentar aos humanos que vivem no território. É tão importante para os povos indígenas manter seus territórios da maneira como estão ordenados desde o começo do mundo; por isso, os povos indígenas respeitam a natureza, o meio ambiente e estes lugares sagrados. Enquanto os povos indígenas se adequem à rigidez do uso do espaço tradicional, haverá uma ordem, e quando desobedecerem surgirá impureza no lugar e isto pode afetar a vida da sociedade com doenças, falta de alimento para suas comunidades e outras.

Aurora (2018) salienta que, quando falamos de lugares tradicionais ou lugares de transformação de animais, é necessário conhecê-los. O conhecimento do conjunto nos leva a respeitar a lei natural do lugar e da vida. Obedecer às regras para os lugares tradicionais é acompanhar o calendário ecológico, o tempo certo de pesca, derrubada de roça, plantações de mandioca, tempos de praias, florescer de árvores etc. Além disso, precisamos também respeitar as regras de uso dos lugares. Por exemplo, uma família que viaja pela primeira vez por um determinado rio ou lugar, deve receber orientação dos próprios moradores da região para que não aconteça nada de ruim. Isso envolve o uso dos conhecimentos tradicionais de pajés e benzedores que realizam reza de proteção contra os maus espíritos dos lugares, para que o corpo esteja preparado para acessar produtos alimentares de lugares por onde eles vão passar. Estas proteções também devem ser realizadas para cada pessoa desde o seu nascimento, passando pelo 'ritual de iniciação', e vai até a sua vida adulta. Relacionar o respeito com a natureza e a ordem social é dizer que, enquanto se obedecer às regras dos lugares, nada de ruim acontecerá. Dessa forma, os corpos das pessoas (seja o meu corpo ou os corpos dos membros da minha família) estarão protegidos, pois não haverá destruição

das casas de seres invisíveis, não haverá problemas para a sociedade, não haverá mudanças drásticas na natureza, nada será desrespeitado. Por isso, quando falamos de lugares tradicionais ou lugares de transformação de animais, é necessário conhecer essas várias dimensões, como descrevem Rocha e Chacon (2024, p. 14), em estudo sobre os territórios e mundos entre os povos Kotiria e Kubeo, no alto rio Uaupés (Amazonas, Brasil):

Os membros das comunidades onde estão localizados os lugares com nomes próprios zelam por eles com especial atenção, mas todos sabem que eles não são os únicos donos dos lugares. Se há donos de certos lugares com nomes, esses são os espíritos e demiurgos. Lugares que um indivíduo, um clã ou uma comunidade pode se declarar como dono são de outra natureza: são roças, capoeiras, casas, jardins, lugares de armadilha para peixe, um porto no rio etc. Eles contrastam com os lugares com nomes pelo fato de não serem nominados e, também, por sua transitoriedade face à natureza pereene dos lugares com nomes, os quais existem desde os tempos da criação, conforme atestam as narrativas mitológicas.

De acordo com o que esses autores nos falam, ao lado desta dimensão experiencial e afetiva, os lugares nomeados podem ser pensados como elementos semióticos que formam uma espécie de discurso sobre o espaço. Assim como descrito pelos autores para os universos Koritia e Kubeo, para os Medzeniakonai, o discurso sobre os espaços e o território está "conectado com outros discursos, como as narrativas de criação do mundo e da humanidade, que fazem referência aos lugares e à sua história" (Rocha & Chacon, 2024, p. 15).

Rocha e Chacon (2024) salientam que as narrativas são uma forma de expressão do mito que se revela em outras formas de expressão simbólica. Nessa perspectiva, estes autores nos falam que "'Mundo' seria algo mais geral e englobante, onde existem outros planos de vida e seres que nem sempre estão em uma relação direta com os humanos" (Rocha & Chacon, 2024, p. 12).

Ainda de acordo com Rocha e Chacon (2024, pp. 12-13), "a classificação dos tipos de seres que compõem o ambiente tem uma outra perspectiva, cuja base parece

ter uma cisão explícita na gramática das línguas Kotiria e Kubeo entre seres animados (com espírito) e seres inanimados (sem espírito)”². Essa divisão evidencia um reconhecimento do ambiente como sendo composto em grande parte por “algo que tem ‘espírito’, ou seja, que tem vida, agência, que atua sobre o mundo e outros seres” (Rocha & Chacon, 2024, p. 13). Esse entendimento do ambiente também é compartilhado pelos Medzeniakonai, e da mesma forma como na cosmologia Kotiria e Kubeo, na cosmologia Medzeniakonai entende-se que, além dos seres que possuem espíritos, também “há coisas que não têm propriamente um espírito, mas que, ainda assim, possuem poder”, e é esse poder que “faz com que certos lugares, objetos, plantas e minerais existam para o ser humano para além de uma dimensão prática ou utilitária, sendo importantes para o equilíbrio do mundo e da vida como um todo” (Rocha & Chacon, 2024, p. 13). Nesse sentido, os autores definem a toponímia como:

Se os lugares enquanto elementos da paisagem são como índices para o mito, os lugares enquanto topônimos – os nomes de lugares propriamente – são ícones, pois o que suas palavras significam guarda uma relação de semelhança com os acontecimentos históricos. Os nomes se apresentam como cápsulas de acontecimentos míticos e como forma de descrever e classificar a paisagem. Com relação ao mito, os nomes de lugares vão ser compostos por palavras que remetem a um personagem, artefato ou acontecimento mítico (Rocha & Chacon, 2024, p. 16).

Nesse entendimento sobre topônimos, podemos dizer que os Medzeniakonai compartilham esses conhecimentos de modo parecido ao que é descrito por Rocha e Chacon (2024). No caso, as pessoas expressam os verdadeiros nomes dos lugares por eufemismos e dissimulações para, de certa forma, ocultar de algum interlocutor a verdadeira história e o poder de um lugar. Em todo caso, uma pessoa que saiba o nome de um lugar, mas não saiba sua história,

não conhece de fato tal lugar. Tendo esse pressuposto em mente, introduziremos agora a história dos lugares Iaroeatinai na cosmologia Medzeniakonai.

OS LUGARES IAROEATINAI NA COSMOLOGIA MEDZENIAKONAI

A seguir, apresentamos um levantamento preliminar de palavras topônimos em Medzeniakonai, citando a relação dos seres com os locais sagrados em alguns lugares existente na região do Içana.

O conhecimento dos Medzeniakonai mostra que o território faz parte da humanidade, ou seja, é concebido e constituído de seres espirituais que envolveram ancestrais da humanidade dos Medzeniakonai, e que são representados de alguma forma, seja como animais, peixes, pedras, sítios, comunidades, aves, répteis, plantas etc.

É importante salientar que, para os Medzeniakonai, segundo os sabedores falam, os espíritos que são representados como citado acima eram simplesmente a cobra sucuriu e o curupira, mas eles se transformavam em todo tipo de seres e coisas, podiam se transformar em algum tipo de animal, em peixes etc.

Como descrevemos na introdução, a sucuriu e o curupira são os donos míticos dos locais sagrados: eles “são os *yoopinai*, gente que não é como nós, humanos” (Garcia et al., 2019, p. 94). Eles têm seus locais sagrados no território dos Medzeniakonai, por isso esses lugares são identificados com um nome em Medzeniakonai, *yarodattinai*. Os *yarodattinai* são lugares extremamente perigosos, que requerem cuidado ao se passar perto de um deles, pois esses locais sagrados guardam uma relação muito forte com certos tipos de doenças causadas em cada lugar que chamamos de local de *yoopinai*. Uma vez que os *yoopinai* são seres que possuem agência e poder, eles podem ser perigosos para o ser humano.

² Os autores, contudo, afirmam que “essa separação não é absoluta na visão de mundo kotiria e kubeo, pois é também possível encontrar espíritos que tomam a forma de árvores, águas e pedras, e certos objetos que têm poder de atuar sobre o mundo” (Rocha & Chacon, 2024, p. 13).



desses lugares. Esses locais foram nomeados pelos *yoopinai* e têm relação muito forte com os tipos de doenças causados em cada lugar.

É importante dizer que para cada lugar também existem as suas narrativas. Os sabedores contam que são lugares vivos até hoje; mas que, hoje em dia, talvez não tenham os perigos como antigamente, porque os pajés fecharam a porta deles através dos 'benzimentos', por questão de segurança – já que as crianças, os jovens ou até os velhos quase não sabem a história, e consequentemente são capazes de se levar à morte por causa disso.

Essa ação dos pajés, por um lado, é boa para as crianças e jovens que não respeitam ou não sabem das histórias; por outro lado, é ruim, porque, ao ser fechada a porta desses 'lugares', os peixes e animais começam a desaparecer. Ou seja, não há muitos peixes no rio e nem caça no mato.

Segundo os sabedores contam, todos esses lugares sagrados possuem sua história e seus cuidados no que se refere à doença de *yoopinai*, o que é o mais destacado pelos sabedores Baniwa-Koripako. As narrativas da origem da humanidade, bem como outras histórias que compõem a cosmologia Medzeniakonai, trazem em si referências aos lugares mais importantes do território. São histórias conectadas com várias outras histórias, igualmente. Os lugares não estão isolados, mas sim relacionados numa rede com vários outros lugares, histórias, curas e doenças, nascimentos, crescimentos e mortes, espíritos e substâncias mágicas, entre outros. Alguns lugares são importantes para a humanidade como um todo. Outros são importantes para cada grande grupo. Há, ainda, lugares que são mais importantes para um clã específico.

Os lugares sagrados estão presentes em todo o território ocupado pelos Medzeniakonai. Segundo a cosmologia dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), seus territórios estão relacionados, desde muito tempo, com a história da humanidade, desde quando eles saíram na cachoeira de Apuí, que é o lugar dos surgimentos

dos Medzeniakonai e de outras etnias também. Vale ressaltar que esse lugar, mitologicamente chamado de *Eeno Hiepole* ('umbigo do mundo'), é o mais respeitado do mundo, tanto antigamente como na atualidade. Esse lugar fica na cabeceira do rio Aiari, um dos afluentes do rio Içana, nos territórios dos Medzeniakonai.

Ao falar sobre os lugares sagrados, o sabedor baniwa Vicente João Filho Baniwa explicou como era a origem dos lugares na história a partir dos seus nomes, que são representados como nomes de peixes, animais, insetos etc. Esses nomes, dados pela característica desses seres, não servem apenas para representar; mas eles também são, na sua essência, a cobra sucuriçu ou o curupira. Como já descrito por Garcia et al. (2019, p. 94):

. . . cada lugar tem suas regras, e cada lugar sagrado (*yarodatti*) tem o seu dono. Os donos dos locais sagrados são os *yoopinai*, gente que não é como nós, humanos. Eles fazem desses locais suas casas e criam as regras para o uso desses espaços. Regras que, quando desrespeitadas, podem resultar em doenças para nós, humanos. Esses lugares sagrados podem se apresentar como uma pedra, um determinado ponto nas águas dos rios e igarapés ou em suas margens. O próprio Napirikoli (criador do universo, para os Baniwa [Medzeniakonai]) nomeou cada um dos lugares sagrados existentes na bacia do Içana [e seus afluentes] (Garcia et al., 2019, p. 94).

A seguir, são apresentados os nomes de lugares sagrados que foram pesquisados neste trabalho, de acordo com o relato do sabedor Baniwa Vicente João Filho Baniwa (comunicação pessoal, 15 de julho de 2023). As breves descrições de cada lugar trazem um pouco da história por trás do nome ou, dito de outro modo, a relação do nome do lugar em Medzeniakonai. Essa etimologia, que recupera a história do nome de cada um dos *yarodattinai* tratados neste estudo e sua relação com os *yoopinai*, não necessariamente é recuperada no nome atual, em língua portuguesa, pois a tradução do nome de cada lugar aqui apresentado é aproximada do sentido literal das palavras. Porém, como descrito por Garcia et al. (2019, p. 94), os velhos sabedores Medzeniakonai



- . . . conhecem bem esses locais e as suas regras, e transmitem esse conhecimento para seus filhos, para que eles possam respeitá-los e prevenir doenças. . . Esses conhecimentos continuam vivos até hoje nas comunidades da bacia do rio Içana, no alto rio Negro.
- (1) *Piitonai* ('casa de grilos'): É um lugar sagrado bem conhecido pelos Medzeniakonai, que fica à margem do rio Içana, onde existe uma serra chamada Pittonai, que pode ser traduzida aproximadamente como 'casa de grilos'. Esse grilo, na verdade, é o nome do dono desse lugar. Segundo relato dos sabedores, essa montanha, que tem o nome de *piitonai* ('casa de grilos'), para os Medzeniakonai, normalmente está associada aos espíritos chamados de *yoopinai*. Como em outros casos, existe uma doença relacionada a esse lugar. Quando essa doença ocorre, é necessária a ação de um pajé que deverá ler ou interpretar o sonho da pessoa doente para identificar a origem da doença e fazer o tratamento apropriado (cf. Garcia et al., 2019);
 - (2) *Koatsiripana* ('casa de quati'): É um lugar completamente coberto de pedra. Esse nome também se refere a *yoopinai*, de modo que é preciso ter cuidado na hora de passar por perto de lá: muitas vezes, caso não obedeça às regras relacionadas a esse lugar, a pessoa é capaz de ficar doente e se transformar, chegando até a morte. Mas também é um ponto estratégico para os Medzeniakonai, onde as pessoas costumam se reunir para trocar ideias e para tomar decisões dos coletivos;
 - (3) *Maapawikaa* ('casa de abelha'): É uma pedra que possui uma cor acinzentada e fica no meio do rio, perto de uma cachoeira pequena, num trecho onde tem praia dos dois lados das margens do rio: dentro dela fica a casa de abelha. Essa abelha tem uma história bem perigosa: principalmente quando uma pessoa tem pesadelos, não pode passar perto desse lugar sem um pajé fazer benzimento para proteção, porque é um lugar que faz parte dos *yoopinai* (espíritos); por isso, ele tem cuidados que devem ser respeitados por qualquer pessoa;
 - (4) *Amána leewhemi* ('ninho de boto'): É uma pedra branca que existe num local quase no meio de um rio, onde existem pedras bem transparentes como se fossem diamantes, por isso recebeu nome 'ninho de boto'. Esse lugar mitologicamente tem uma história longa. Antigamente, essa pedra não aparecia, mas, com o passar do tempo, acabou despontando para fora do solo devido à força da água. Ela só aparece na época do verão. Essa pedra é muito perigosa: não é permitido passar próximo e nem tocar sem benzimento. Quando o homem sonha fazendo sexo, é melhor ele se cuidar e ficar em casa. Se ele sair após ter sonhado mal, vai acabar pegando a doença do *yoopinai*;
 - (5) *Eenoinami* ('casa de uma espécie de abelha'): Nesse lugar, que fica próximo de um igarapé com muitos peixes e outros animais, encontra-se a casa de uma espécie de abelha que ficou sempre ali. Também conhecido como cabeça de abelha; o trovão ou raio gostam de cair em cima das pessoas, ao passarem por esse lugar. Na mitologia, também faz parte de *yoopinai*;
 - (6) *Maaderhipani* ('pedra esquilo'): É uma pedra que tem dono. Os sabedores falam que antigamente os esquilos sempre ficavam nesse lugar, mas que esses animais na mitologia são gente, pessoas, porque os animais são seres humanos. Há uma história específica de cuidado para tomar banho perto dessa pedra, tanto quando o rio está cheio, quanto na época de seca. Os velhos sabedores contam que "antigamente sempre aparecia uma moça bonita de cabelos loiros e olhos azuis sentada naquela pedra. Geralmente, ela aparecia no início do inverno" (Garcia et al., 2019, p. 97). Segundo o conhecimento dos sabedores, quando alguém insistia em ver a moça sentada na pedra, era um indicativo de que aquela pessoa iria morrer em breve, pois seria atacada pelo espírito *Yoopinai Maaderi*;

- (7) *Doodoli Ipolemi* ('forno de pássaro pombo'): É uma pedra grande encontrada na margem do rio, num lugar onde existe uma cachoeira grande e praia, onde as pessoas costumam pernoitar durante a sua viagem. É uma pedra, mas trata-se da cobra sucuriju. Ela tem uma história na mitologia segundo a qual o rabo começa a amarrar na frente de uma cachoeira, ou seja, o rabo dela começa a aparecer desde um igarapé chamado, na língua Medzeniakonai, Kopiaro ('imagens de sucuriju'). Por isso, o igarapé recebeu esse nome: a razão disso é que ele aparecia balançando como macaco guariba. Também neste lugar existia cipó imbé, que era cipó de sucuriju, e a história conta que era remédio dos peixes;
- (8) *Okaanami* ('cipó imbé'): Esse local é uma pedra chamada cipó na mitologia; a característica dessa pedra é ser plana, aparecendo geralmente apenas quando o rio está seco. Esse lugar é também da cobra sucuriju. Se uma criança passar por lá sem benzimento, é capaz de pegar o sopro de sucuriju, e o corpo da criança recém-nascida começa a ficar avermelhado, com uma doença muito perigosa. É bom lembrar que o costume dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) continua como era antes, porque os *yoopinai* também têm a sua família, e cada família tem uma moradia certa nos rios da região. Se a pessoa não cuidar de sua saúde ou desrespeitar aquele lugar chamado *Omawali* ('sucuriju'), isso pode representar um risco para sua família ou levar até a morte, segundo as regras daquele lugar;
- (9) *Dzawireewhemi* ('ninho de peixe acará'): Uma pedra grande encontrada no meio do rio Içana; nesse lugar, tem desenho de *ñapirokli* (deus) na pedra, que é uma imagem de peixe de acará. Ou seja, é uma pedra parecida com peixe acará, mas ela é a sucuriju também: segundo relatos dos conhecedores, são ovos de sucuriju. A pessoa pode estar doente por *Yoopinai Dzawireewhemi* quando tem sonhos sexuais. Os conhecedores dizem que esses sonhos podem ser considerados como influência de *yoopinai*;
- (10) *Yookiranhaa* ('poço de sal'): Esse lugar é sagrado, é um estirão bem fundo de uma parte do rio Içana que tem uma história bem interessante na cultura dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako). Os relatos dos sabedores dizem que desse poço saiu um monte de folhas de camarão, que pareciam como sacos de sal. Ainda pelos relatos dos sabedores, neste lugar, as folhas de camarão boiaram como se fossem pacote de sal. Também há regra para passar nesse lugar, porque faz parte de *yoopinai*, ou seja, os pajés têm que fazer benzimento para que se possa passar perto desse lugar;
- (11) *Waamo Hiipani* ('cachoeira de preguiça'): É uma cachoeira pequena, mas que é muito forte. É um lugar sagrado que recebe nome como pé de bicho preguiça, mas ele é a sucuriju também. Neste lugar, há uma pedra que tem aparência de plana. Ali, os sabedores têm medo do lugar, que tem a seguinte história: se passar com as crianças por lá, é capaz de a sucuriju assoprar elas, que começam a chorar sem parar e só vão parar depois que o pajé fizer benzimento para elas. Ele faz parte do *yoopinai*, que é muito perigoso;
- (12) *Hiiparo Ieneneemi* ('língua de sapo'): É uma pedra igual à língua de sapo, fica quase à margem do rio, perto do afluente do Içana chamado rio Cuyari. É um lugar sagrado que é conhecido como a língua da sucuriju. Nesse lugar, também há uma regra: a doença daquele lugar aparece com ferida e inchaço no corpo todo; é uma doença séria. Os conhecedores dizem que o sapo tem veneno bem forte, e que, depois de soltar o veneno, o corpo da pessoa começa a inflamar. A doença também só pode ser curada por benzedores. Para evitar pegá-la, a pessoa que sonha mal ou tem criança recém-nascida precisa ser benzida antes de passar no lugar;
- (13) *Dzaattewikaa* ('casa de tucano'): Neste lugar, existe uma praia e, na margem do rio, existem duas pedras grandes, conhecidas como casa de tucano;



- ele também é a sucuriju, com característica e aparência brilhante. Segundo os relatos dos conhecedores, a sucuriju pode se transformar em qualquer tipo de animal, como peixes e outros tipos também. Com isso, na mitologia, ele é mãe de peixes;
- (14) *Peerhipani* ('cachoeira de gavião'): É uma cachoeira que fica no rio Cuyari, afluente do rio Içana, e recebe o nome de gavião; ele também é a sucuriju. De acordo com o que os sabedores dizem, ele possui uma história. O dono da cachoeira, que é o gavião, fica no remanso da cachoeira. Ele é quem dá o sinal quando o rio vai começar a encher e quando vai começar a secar. Ele aparece como forma de aviso, dando sinal de que o rio vai começar a secar, antes do verão; e, na cheia, ele também sai para dar sinal, dias antes de o rio começar a encher;
- (15) *Tsiinoana* ('poço de cachorro'): Esse lugar é chamado de poço de cachorro, mas o dono desse poço possui regra: se a pessoa dormir nesse lugar, precisa ter cuidado. Principalmente antes de comer algumas coisas, é necessário tomar banho. Se não fizer isso, é capaz do *yoopinai* fazer doença como *wikoli* (tipo de doença perigosa). Nesse sentido, existem regras que são muito respeitadas. Por isso, é um lugar bem conhecido pelos Baniwa-Koripako; antigamente, era uma comunidade, mas foi abandonada por moradores desse local. Atualmente, é usado como ponto estratégico para pessoas pernovernarem quando descem e sobem o rio;
- (16) *Kathsirhipani* ('cachoeira de jacaré'): É um lugar onde há uma cachoeira e um caminho seguindo na mata até chegar a uma serra. A cachoeira de jacaré também é a sucuriju, mas aquele jacaré grande é conhecido como caiman. Antigamente, ele aparecia na frente de remanso de cachoeira; toda vez que as pessoas passavam com canoa lá, ele batia a canoa para as pessoas 'alagarem' (virarem o barco), mas isso só ocorre quando as pessoas não obedecem a regra de passagem, como comer algo sem tomar banho;
- (17) *Dzattiana* ('poço de tucano'): Neste lugar, existe uma praia grande e um poço onde fica o dono. Este lugar não costuma secar, pois o poço é bem fundo, no qual as pessoas pescam os peixes chamados sarapó. O poço de tucano também é a sucuriju e tem sua aparência bem brilhante, segundo os sabedores, quando ele decide aparecer nesse remanso. Também costuma aparecer antes da chuva e do sol, para dar sinal de que vai iniciar o período da cheia e da seca. Segundo os sabedores, existem três tipos de sucuriju; um desses é que chamamos de poço de tucano;
- (18) *Heeri iinomi* ('esposa do Eeri – deus'): É um lugar sagrado onde Ñapirikoli passou, nele se encontra uma praia e um poço bem fundo, geralmente frequentado pelos pescadores de peixes. Segundo relato, nesse lugar existia também a cobra que é a sucuriju, que sempre ficou ao lado do poço bem fundo, o qual é o lugar onde fica a casa de sucuriju;
- (19) *Onoli Ipatakakaromi* ('mergulho de ave socó'): É uma praia bem localizada, na margem do rio Içana; nesse lugar, aparecem muitos lagos e terra de caatinga; conseqüentemente, tem muitos peixes, sendo procurado pelos Medzeniakonai para fazer pescaria. É um lugar sagrado, identificado como curupira, o qual se apresenta como sendo ave socó. De acordo com os sabedores, o curupira tem um grito muito forte, que dá para ouvir de muito longe; então, na cosmologia Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), as aves socó estavam mexendo o buraco deles nesse lugar, por isso recebeu o nome de *Onoli Ipatakakaromi* ('mergulho de ave socó');
- (20) *Wia Inomana* ('fóz de sucuriju'): Esse lugar é um riacho que dá uma volta e sai novamente no rio principal, o rio Içana. Segundo os conhecedores, ele tem marca bem na entrada de cima do rio; em Medzeniakonai, chama-se *koyaanaale* ('lugar de sucuriju preto'). Os antepassados sempre viram a sucuriju nesse lugar; dizem que essa

- cobra é muito grande, quando sai para dar sinal de que o inverno vai chegar um dia antes da chuva cair, ocupa todo o leito desse riacho. E, conseqüentemente, logo depois de a sucuriyu aparecer, o rio começa a encher;
- (21) *Haiko Ikalittani* ('lago de árvore'): É um lago que tem entrada bem funda, que, na cosmologia dos Medzeniakonai, é caminho da sucuriyu. É conhecido como lago de árvore, mas essa árvore é a cobra sucuriyu. Nesse lago, a cobra constrói o seu caminho no meio do lago, do início até o fim dele. Segundo os conhecedores, há ali um lugar da sucuriyu igual a árvore deitada, por isso recebeu tal nome. Também é conhecido como casa de peixes porque, nesse lago, encontra-se qualquer tipo de peixe, sendo um dos lugares onde os Medzeniakonai fazem a pescaria;
- (22) *Hiiwaroana* ('lago espécie de rã'): É um lago muito grande, que tem três quarteirões maiores; nele, vivem os peixes, os quelônios de rio conhecidos como cabeçudos e outros animais, e, ao final dele, existe um varador de canoa que se liga para sair rio acima. Recebe o nome de lago espécie de rã, mas também é a sucuriyu. Segundo os pajés, a sucuriyu gosta de andar bem longe, ela é a mãe dos peixes e possui característica de uma espécie de rã, por isso o lugar recebeu tal nome;
- (23) *Kolirhipani* ('cachoeira de surubim'): É um lugar que fica num igarapé, afluente do rio Içana, perto da comunidade Tunui. Nele, as pessoas constroem seus sítios para fazer roça, é também onde costumam fazer pescaria. É um lugar sagrado que tem como dono o surubim; nele, existe o remanso que nunca fica seco, mesmo quando o rio está bem seco. É nesse remanso que fica o dono do local, o surubim. Segundo os sabedores, ele também é muito perigoso, porque faz parte dos *yoopinai*; é preciso, portanto, ter cuidado nele, principalmente quando a pessoa pernoita de passagem;
- (24) *Paitsi Hiidzapani* ('serra de rã'): Chamado 'serra de rã', ou seja, uma casa de rã bem fechada. Esse é um lugar muito arenoso, cheio de morro, que são casas de rã, onde há muitos lagos. Antigamente, existiam muitas caças e peixes. Os sabedores sempre visitavam essa serra para ver as movimentações das rãs, principalmente antes de chover e fazer sol; é também um lugar bastante perigoso. Conhecedores também dizem que são considerados como a mãe dos peixes. Ao mesmo tempo, o lugar faz parte do grupo chamado de *yoopinai*;
- (25) *Karaphaipani* ('cachoeira peixe pirarara'): Esse lugar é uma cachoeira muito perigosa de atravessar em canoa e barco, pois existem muitas pedras e a cachoeira é muito forte. É um lugar sagrado também. Nessa cachoeira, existem várias pedras bonitas, que são o coração de peixes que Ñapirikoli desenhou na pedra. Ao longo do tempo, as pessoas pegaram essas pedras e as levaram para seus territórios; conseqüentemente, os peixes começaram a desaparecer deste lugar. Por sinal, tem uma imagem bem forte de desenho de peixes que fica bem ao meio da cachoeira;
- (26) *Kaaphidzapani* ('serra de kaapi – planta'): Nesse lugar, localizado próximo a uma comunidade dos Medzeniakonai, existe uma cachoeira, mas quem recebe o nome *kaaphidzapani* é a montanha que fica ao lado dessa cachoeira. *Kaaphidzapani* é um nome composto por dois termos, que significam: *kaaphi*, um tipo de cipó com o qual é feito *kaapi*, para tomar na hora da cerimônia de *dabucuri* (*ayawaska*), e *dzapani*, que significa montanha. Ele também pertence ao *yoopinai*.

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos 26 topônimos analisados neste artigo, com informações morfológicas e também as informações centrais no contexto da cosmologia dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) relativos à sua associação com os seres curupira e sucuriyu, os donos míticos desses lugares.



Quadro 1. Informações morfológicas dos 26 topônimos descritos acima.

	Item lexical	Composição morfológica	Glosa
1	<i>Piitonai</i>	<i>piito</i> - grilo <i>nai</i> - casa	'casa de grilo'
2	<i>Koatsiripana</i>	<i>koatsrii</i> - quati <i>pana</i> - casa	'casa de quati'
3	<i>Maapaikaa</i>	<i>maapa</i> - abelha <i>iika</i> - em cima	'em cima de abelha'
4	<i>Amana leewhemi</i>	<i>amana</i> - boto <i>ieewhemi</i> - ninho	'ninho de boto'
5	<i>Enoinami</i>	<i>enoi</i> - abelha <i>nami</i> - casa	'casa de espécie de abelha'
6	<i>Maaderi lipana</i>	<i>maaderi</i> - esquilo <i>lipana</i> - casa	'casa de esquilo'
7	<i>Doodoli Ipolemi</i>	<i>doodoli</i> - pombo <i>polemi</i> - forno	'forno de pássaro pombo'
8	<i>Okaanami</i>	<i>okaana</i> - cipó <i>mi</i> - imbé	'cipó imbé'
9	<i>Dzawira lewhemi</i>	<i>dzawira</i> - peixe acará <i>iewhemi</i> - ninho	'ninho de peixe acará'
10	<i>Yokiranhaa</i>	<i>yokira</i> - sal <i>anhaa</i> - poço	'poço de sal'
11	<i>Waamo Hiipani</i>	<i>waamo</i> - preguiça <i>hiipani</i> - cachoeira	'cachoeira de preguiça'
12	<i>Hiiparo leenenemi</i>	<i>hiiparo</i> - sapo <i>ieenenemi</i> - língua	'língua de sapo'
13	<i>Dzaattemi Iika</i>	<i>dzaattemi</i> - tucano <i>iika</i> - em cima	'casa de tucano'
14	<i>Peeri Hiipani</i>	<i>peeri</i> - gavião <i>hiipani</i> - cachoeira	'cachoeira de gavião'
15	<i>Tsiinoana</i>	<i>tsiino</i> - cachorro <i>ana</i> - poço	'poço de cachorro'
16	<i>Kathsiri Hiipani</i>	<i>kathsiri</i> - jacaré <i>hiipani</i> - cachoeira	'cachoeira de jacaré'
17	<i>Dzattiana</i>	<i>dzatti</i> - tucano <i>ana</i> - poço	poço de tucano
18	<i>Heeri iinomi</i>	<i>heeri</i> - irmão de napirikoli <i>iinomi</i> - esposa	'esposa do Eeri (deus)'
19	<i>Onoli Ipatakakarom</i>	<i>onoli</i> - ave socó <i>ipatakakaromi</i> - mergulho	'mergulho de ave socó'
20	<i>Wia Inomana</i>	<i>wia</i> - sucuriju <i>inomana</i> - foz	'foz de sucuriju'
21	<i>Haiko Ikalittani</i>	<i>haiko</i> - árvore <i>ikalittani</i> - lago	lago de árvore
22	<i>Hiiwaroana</i>	<i>hiiwaro</i> - espécie de rã <i>ana</i> - lago	'lago espécie de rã'
23	<i>Koliri Hiipani</i>	<i>koliri</i> - surubim <i>hiipani</i> - cachoeira	'cachoeira de surubim'
24	<i>Paitsi Hiidzapani</i>	<i>paitsi</i> - rã <i>hiidzapani</i> - serra	'serra de rã'
25	<i>Kharaa Hiipani</i>	<i>kharaa</i> - peixe pirarara <i>hiipani</i> - cachoeira	'cachoeira de peixe pirarara'
26	<i>Kaapi Hidzapani</i>	<i>kaapi</i> - planta <i>hiidzapani</i> - serra	'serra de kaapi (planta)'



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo dedicou-se aos topônimos referentes aos nomes dos lugares existentes no rio Içana, nos territórios dos Medzeniakonai (Baniwa-Koripako), buscando relacionar os nomes dos lugares com a história por trás dos nomes e sua relação com as ações dos *yoopinai*, especificamente o curupira e a sucuriçu. Os antepassados dos Medzeniakonai respeitavam muito esses locais, chamados de *yarodatti*. A partir da descrição da história de cada topônimo, exemplificamos a relação entre o topônimo e a representação da realidade física, social e cultural na cosmovisão Medzeniakonai (Baniwa-Koripako). As histórias dos nomes dos lugares são histórias conectadas com várias outras histórias, igualmente a todos os outros topônimos e as histórias por trás de seus nomes. Todos fazem parte da cosmovisão Medzeniakonai. Buscou-se também demonstrar que o conhecimento descrito a respeito de cada topônimo, ainda que seja um conhecimento principalmente dos antepassados, repassado de geração a geração, ainda tem importância, atualmente, para os Medzeniakonai.

Assim, esta pesquisa investigou algumas palavras da região do território Medzeniakonai (Baniwa-Koripako) para ver de que forma estariam representadas na toponímia local. Assim como outros trabalhos já realizados sobre a cosmovisão Medzeniakonai (Baniwa-Koripako)³, foram apresentadas aqui informações pesquisadas junto a um sábio do povo Medzeniakonai, antigo conhecedor dos lugares sagrados, seus significados e as histórias por trás dos nomes.

Depois de muitas influências dos não indígenas na cultura tradicional, um dos resultados é que os conhecimentos dos nossos antepassados são desvalorizados. Nesse sentido, destaca-se o papel fundamental do pesquisador indígena como uma estratégia para também fortalecer a cultura e a língua. Uma das formas cotidianas de pesquisa é atuar junto

com os sábios, fazendo registro e publicando esses conhecimentos na escrita. A tradição da transmissão pela oralidade deve ser fortalecida também, sendo a escrita mais um tipo de registro. Outra forma de pesquisa é por meio da escola: é preciso que esse conhecimento seja ensinado nas escolas do território, para que o próprio conhecimento seja fortalecido, tendo em vista que o conhecimento dos não indígenas é muito forte nas escolas indígenas. A escola também tem esse importante papel nas suas respectivas comunidades: fortalecer o conhecimento tradicional.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos do primeiro autor Artur Garcia: Inicialmente, gostaria de prestar o meu agradecimento ao meu tio Vicente João Filho, por ter me ajudado com a contação de histórias de topônimos das palavras levantadas, pertencentes à região do rio Içana nas terras Medzeniakonai. Agradeço à minha orientadora, professora doutora Ana Vilacy Galúcio, pela parceria na construção deste artigo. Sou também grato aos meus colegas do grupo de pesquisa RT linguística do Museu Goeldi, sob a coordenação da professora Ana Vilacy. Agradeço ao Programa de Capacitação Institucional do MPEG/MCTI/CNPq pelo apoio através de bolsa na modalidade PCI-DB, aprovado na chamada pública PCI nº 02/2023 (processo 300477/2024-4-DB), onde desenvolvi pesquisas relacionadas ao conhecimento sobre a língua e a cultura dos povos Baniwa com o projeto “Topônimos relacionados aos lugares sagrados (*iarodattinai*) na cosmologia Medzeniakonai” e publiquei um aplicativo multimídia intitulado “IAKOTTINAI Kaakonaperi Medzeniakonai lugares sagrados Medzeniakonai”, sob a supervisão da Dra. Ana Vilacy Galucio. Quero também registrar a minha gratidão à minha família por sempre acreditarem em mim: à minha mãe Rosa Garcia, minha tia Letícia

³ Ver especialmente o trabalho de Garcia et al. (2019).

Garcia, que amo tanto, aos meus irmãos Orlando, Augusto, Elza, Benvindo, Ivam. Obrigado pelas orações durante a minha trajetória acadêmica. Agradecimentos da segunda autora Ana Vilacy Galucio: Gostaria de agradecer ao Dr. Artur Garcia, pela troca e aprendizado durante o período em que ele desenvolveu seu projeto de pós-doutorado vinculado ao Programa de Capacitação Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi. Agradeço ao CNPq, pelo apoio através de bolsa de produtividade em pesquisa (processo 304766/2022-4).

REFERÊNCIAS

- Aurora, B. (2018). *O desafio sociocultural de mulheres Baniwa na contemporaneidade: análise e reflexão sobre as práticas de saberes indígenas, formação, educação e cuidado com o corpo* [Monografia, Universidade de Brasília]. <https://bdm.unb.br/handle/10483/25276>
- Chacon, T. C., Gonçalves, A. G., & Silva, L. F. (2019). A diversidade linguística Aruák no Alto Rio Negro em gravações da década de 1950. *Forma y Función*, 32(2), 41-67. <https://doi.org/10.15446/fyf.v32n2.80814>
- Dick, M. V. P. A. (1992). *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. FFLCH-USP.
- Estorniolo, M. (2012). *Laboratórios na floresta. Os Baniwa, os peixes e a piscicultura no alto rio Negro* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.8.2012.tde-27022013-095552>
- Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN). (2019). *Plano de gestão territorial e ambiental: Terra Indígena Alto Rio Negro*. FOIRN. https://pgtas.foirn.org.br/wp-content/uploads/2021/09/PGTA_TI_Alto_RN.pdf
- Garcia, S., Pimenta, N., & Lima, H. (2019). A origem dos Yopinnai e das doenças do mundo. *Aru: Revista de Pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro, Amazônia*, (3), 86-101. <https://xingumais.org.br/acervo/aru-revista-pesquisa-intercultural-bacia-rio-negro-amazonia-n-3>
- Gonçalves, A. G. (2018). *Para uma dialetologia Baniwa-Koripako do rio Içana* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32195>
- Gonçalves, A., Garcia, A., Lino, G., & Filho, G. (2020). *Dicionário multimídia Baniwa-Koripako* (Versão 1.0). PRODOCLIN/Museu dos Povos Indígenas. <https://japiim.museudoindio.gov.br/dic/baniwakoripako/index.php>
- Gonçalves, A. G. (2023). *Estudo lexicográfico da língua Medzeniakonai: proposta de um dicionário bilingue e bidialetal Baniwa-Koripako-português* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/47047>
- Gonçalves, A. G. (2025). The development of a bilingual and bidialectal dictionary for the Medzeniakonai language (Baniwa - Koripako). *Cadernos de Linguística*, 6(3), e788. <http://doi.org/10.25189/2675-4916.2025.v6.n3.id788>
- Isquierdo, A. N. (Org.). (2019). *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos* (Vol. 1, Série Toponímia). Ed. UFMS. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3491>
- Instituto Socioambiental (ISA) & Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN). (2000). *Mapa-livro povos indígenas do alto e médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira*. Instituto Socioambiental, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.
- Menezes, P. M. L., & Santos, C. J. B. (2008). Geonímia e Cartografia: da pesquisa histórica ao geoprocessamento. *Portal de Cartografia das Geociências*, 1(1), 75-92. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia/article/view/1363>
- Rocha, P., & Chacon, T. C. (2024). Entre territórios e mundos: espacialidade e contracartografia Kotiria e Kubeo no alto rio Uaupés, Amazonas, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 19(1), e20230042. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2023-0042>
- Schneider, M. (2019). Topônimos de acidentes físicos do pantanal sul-mato-grossense: descrição e análise. In A. N. Isquierdo (Org.), *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos* (Vol. 1, Série Toponímia, pp. 21-44). Ed. UFMS. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3491>
- Walipere, A. G., João Filho, V., Garcia, G., Galucio, A. V., & Brito, S. (2023). *Iakottinai Kaakonaperi Medzeniakonai/Lugares sagrados do povo Medzeniakonai* (Versão 1.0). Museu Paraense Emílio Goeldi. <http://dicionarios.museu-goeldi.br/dic/medzeniakonai/>
- Wright, R. M. (2005). *História indígena e do indigenismo no alto rio Negro*. FAEP UNICAMP; Mercado das Letras; Instituto Socioambiental. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/historia-indigena-e-do-indigenismo-no-alto-rio-negro>



CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

A. G. Gonçalves contribuiu com conceituação, investigação, metodologia e escrita (rascunho original, revisão e edição); e A. V. Galucio com conceituação, investigação, metodologia, supervisão e escrita (rascunho original, revisão e edição).

DADOS DA PESQUISA

Os dados não foram depositados em repositório.

PREPRINT

Não foi publicado em repositório.

AVALIAÇÃO POR PARES

Avaliação duplo-cega, fechada.

